

Paula Marques Paiva

Acadêmica do Curso de Medicina – Centro
Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA,
Anápolis-GO.

Virgínia Amorim Tavares

Acadêmica do Curso de Medicina – Centro
Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA,
Anápolis-GO.

Adriano de Almeida de Lima

Professor Titular do Curso de Medicina -
Centro Universitário de Anápolis -
UniEVANGÉLICA, Anápolis-GO.

Cristine Miron Stefani

Professora Adjunta do Departamento de
Odontologia – Universidade de Brasília,
Brasília-DF.

Descritores:

- *Tabagismo*
- *Epidemiologia*
- *Poluição por fumaça do tabaco*
- *Saúde do adolescente.*

Keywords:

- *Smoking*
- *Epidemiology*
- *Tobacco smoke pollution*
- *Adolescent health.*

Correspondências

Prof^a. Dr^a. Cristine Miron
Stefani
SHCGN 712, Bloco L, Ap. 203
Asa Norte, Brasília, DF
CEP 70760-712
cmstefani@gmail.com

Prevalência do tabagismo e fatores associados ao início e manutenção do hábito entre estudantes do ensino médio de escolas públicas em Anápolis, Go.

Smoking prevalence and factors associated with the onset and maintenance of smoking habit among high school students from public schools in Anápolis, Go.

RESUMO

A proposta deste estudo foi avaliar a prevalência do tabagismo entre escolares do ensino médio da rede pública, com idades de 13 a 19 anos, em Anápolis, GO, e os fatores relacionados ao início e manutenção do hábito. Foi um estudo de campo, de corte transversal, de abordagem quantitativa, por meio de questionário. Participaram da pesquisa 1103 alunos do ensino médio da rede pública. Dos 675 estudantes do gênero feminino que responderam ao questionário, 23,5% experimentaram cigarros e 3,1% eram fumantes. Dos 428 do gênero masculino, 31% experimentaram cigarros e 7,2% eram fumantes. A chance de experimentar cigarros foi 40% e a chance de ser fumante 2,5 vezes maior entre estudantes do gênero masculino. Para o gênero masculino, ter pais fumantes aumentou em duas vezes a chance de experimentar cigarros e em três a chance de ser fumante, enquanto para o gênero feminino, a chance para experimentação foi 3,4 vezes maior e a de ser fumante 4,7 vezes maior. Ter amigos fumantes aumentou em 3 vezes a chance de experimentação e em 13 vezes a chance de ser fumante entre estudantes do gênero masculino, e para o gênero feminino, a chance de experimentação foi 3,6 vezes maior e a chance de ser fumante 10 vezes maior. Estar exposto à poluição tabágica ambiental em casa aumentou em três vezes a chance de experimentação e em 3,8 vezes a chance de fumar entre estudantes do gênero masculino, enquanto para o gênero feminino, a chance para experimentação foi 2,9 vezes maior e 4 vezes a chance de fumar. A exposição à poluição tabágica ambiental fora de casa aumentou 3,4 vezes a chance de experimentação e 6,4 vezes a chance de fumar para o gênero masculino; e 14,8 vezes a chance de experimentar e 51 vezes a chance de fumar para estudantes do gênero feminino. Em comparação com a média nacional, as prevalências de tabagismo e experimentação desta amostra de estudantes de escolas públicas de Anápolis foram relativamente baixas. Os fatores de risco para aquisição do hábito apontaram para pais e amigos fumantes e exposição ao tabagismo passivo em casa ou ambiente externo.

ABSTRACT

The purpose of this study was to evaluate the prevalence of smoking among 13 to 19 year-old high school students from public schools in Anápolis-GO and the factors related to the onset and maintenance of the smoking habit. It was a field study, cross sectional, quantitative approach, using a questionnaire. The participants were 1103 high school students from public schools. 23.5% of the 675 female students who responded the questionnaire, tried cigarettes and 3.1% were smokers. 31% of the 428 males, tried cigarettes and 7.2% were smokers. The chances of experimenting with cigarettes was 40% and the chance of becoming a smoker was 2.5 times higher among male students. For the male gender, having smoking parents increased twice the chance

of experimenting with cigarettes and three times the chance of becoming a smoker, while for the female gender, the chance of experimenting with cigarettes was 3.4 higher and the chance of becoming a smoker was 4.7 higher. Among male students, having smoker friends increased three times the change of experimenting with cigarettes and 13 times the chance of becoming a smoker, while among female students, the chance of experimenting smoking was 3.6 higher and the chance of becoming a smoker was 10 times higher. Among male students, being exposed to tobacco environmental pollution at home increased three times the chance of experimenting smoking and 3.8 times the chance of becoming a smoker while among female students, the chance of experimenting smoking was 2.9 higher and the chance of becoming a smoker increased four times. Comparing with the national average, the prevalence of smoking and experimentation of this sample of high school students from Anápolis was relatively low. The risk factors for the smoking habit acquisition were related to smoking parents and friends and also to passive smoking at home or outdoors.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (WHO, 2008) considera o tabaco uma pandemia de origem humana, uma das principais causas evitáveis de morte, que mata 1 em cada 10 adultos mundialmente. A maioria dos fumantes desenvolve o hábito durante a adolescência, fase importante de autoafirmação e aceitação social (Cinciprini, 1997). A alta susceptibilidade de adolescentes e jovens de receberem estímulos sociais, familiares e culturais para entrar em contato precoce e iniciar o consumo do tabaco, exige atenção dos setores governamentais e de saúde para que, no âmbito da promoção e prevenção, intervenham na origem problema com o objetivo de reduzir os prejuízos familiares, sociais e de saúde advindos do consumo do tabaco.

Com este objetivo foi realizado o VIGESCOLA, estudo sobre a prevalência do tabagismo de âmbito nacional conduzido pelo Ministério da Saúde no início dos anos 2000 nas capitais brasileiras. No estado de Goiás, foi pesquisada a cidade de Goiânia, mas não há informações na literatura, até o momento, sobre os demais municípios, em particular sobre Anápolis, um dos maiores e mais importantes municípios do interior de Goiás, assim como não há dados detalhados, à semelhança de outros estudos brasileiros, sobre a prevalência do tabagismo e fatores determinantes para o início e manutenção do hábito.

Sendo assim, este estudo se propôs verificar a prevalência do tabagismo e os fatores associados ao hábito entre estudantes do ensino médio de escolas públicas de Anápolis, GO.

METODOLOGIA

Este foi um estudo de campo, de corte transversal e abordagem quantitativa, por meio de questionário, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA em 29 de outubro de 2010, sob o número 4884/2010.

Participaram desta pesquisa estudantes do ensino médio, entre 13 e 19 anos, matriculados na rede de ensino pública de Anápolis, GO. Após contato com a Subsecretaria Estadual de Educação, verificou-se haver pouco mais de 12.000 matriculados no ensino médio em escolas públicas no final de 2010.

Da relação de escolas públicas inicialmente fornecida pela Subsecretaria Estadual de Educação de Anápolis, foram excluídas as escolas da educação especial (4 unidades) e aquelas que não possuíam todos os anos de ensino médio (6 unidades). Restaram 28 escolas, com 11.052 matriculados. Por meio de cálculo estatístico utilizando fórmula para cálculo do tamanho amostral para populações finitas, com erro tolerado de 3%, nível de confiança de 95% e prevalência do fenômeno definida em 50%, com margem de segurança de 10%, verificou-se que o número deveria ser 1.070 alunos.

As 28 escolas públicas de Anápolis que possuíam o perfil para aplicação dos questionários foram classificadas, de acordo com o número de alunos matriculados, em: pequenas (até 250 alunos matriculados no ensino médio, 9 escolas); médio porte (entre 250 e 600 alunos, 11 escolas); e grande porte (mais de 600 alunos, 8 escolas). O Município, em virtude de sua configuração geográfica, foi dividido em regiões: norte, sul, oeste e centro-leste, e as escolas da área urbana foram mapeadas. Em virtude da distribuição relativamente igualitária de escolas de grande porte entre as quatro regiões, optou-se por elas para a aplicação dos questionários. Caso acontecesse a recusa do responsável pela escola em participar da pesquisa, as escolas de médio porte mais próximas seriam automaticamente envolvidas na pesquisa, de maneira a assegurar o número de questionários inicialmente destinados à escola original.

Para cada escola foi determinado o número mínimo de questionários a serem aplicados, levando-se em consideração o total de questionários necessários (1.100), proporcionalmente ao número de matriculados na escola. Os questionários deveriam ser distribuídos para aplicação proporcional aos alunos matriculados em cada ano de ensino médio de cada escola.

Os diretores das escolas foram contatados previamente, quando a pesquisa foi explicada e a autorização para a aplicação dos questionários obtida. O contato com os estudantes foi realizado em sala de aula, em

dia e horário determinados pelo diretor ou coordenador pedagógico de cada escola. Nesse momento, a pesquisa foi explicada e os estudantes que concordaram em participar receberam um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para coleta da assinatura dos pais ou responsáveis (em caso de menores de idade). Os TCLEs assinados foram coletados, e os questionários aplicados em dia agendado com os diretores.

Foram incluídos na pesquisa adolescentes matriculados do 1º ao 3º ano do ensino médio de escolas públicas em Anápolis, GO, entre 13 e 19 anos, que concordaram voluntariamente em participar da pesquisa assinando o TCLE ou, em caso de menores, cujos pais ou responsáveis também concordaram com a participação do mesmo, assinando o TCLE.

Foram excluídos do estudo estudantes que não estavam em sala de aula no dia reservado para a aplicação do questionário e aqueles que não concordaram em participar, ou cujos pais/responsáveis não autorizaram a participação ou não assinaram o TCLE.

Como instrumento da pesquisa, foi adotado o questionário empregado pelo VIGESCOLA, adaptado para a realidade dos sujeitos de pesquisa. As modificações envolveram as questões que, no questionário original, traziam alternativas referentes aos preços e marcas de cigarros, e se encontravam desatualizadas. O questionário adaptado foi pré-testado em 2010.

Após a aplicação, os questionários foram separados de acordo com o status tabágico em fumantes (aqueles que fumaram pelo menos um dia nos 30 dias que antecederam a pesquisa), experimentadores (aqueles que experimentaram cigarros, ainda que uma ou duas tragadas, mas não fumaram nos 30 dias que antecederam a pesquisa), fumantes passivos (aqueles que nunca experimentaram cigarros, mas estavam expostos à poluição tabágica ambiental, em casa ou fora, pelo menos um dia da semana) e não fumantes (nunca fumaram, nem experimentaram cigarros, e não estavam expostos à poluição tabágica ambiental). Em seguida, dentro das categorias de status tabágico, foram subdivididos segundo o gênero (masculino ou feminino). Os dados foram tabulados e comparados estatisticamente por meio da razão de chances (Odds Ratio) e os testes Chi-Quadrado ou Exato de Fisher, ao nível de 5% de probabilidade.

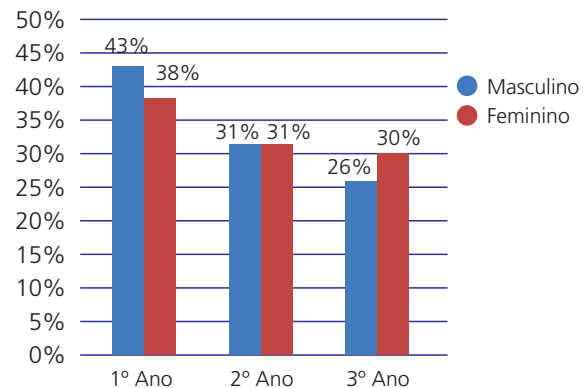
RESULTADOS

Das oito escolas públicas de grande porte mapeadas em Anápolis, duas se recusaram a participar da pesquisa, sendo substituídas por três escolas de médio porte mais próximas (duas na região norte e uma na região centro-leste).

Foram aplicados efetivamente 1.159 questionários. Destes, 56 questionários foram excluídos, dois por conterem mais de dez questões deixadas em branco, quarenta por haver inconsistência no preenchimento, impossibilitando a classificação dos respondentes quanto ao status tabágico, e 14 por não terem identificado o gênero, e este ser apontado pela literatura como fator de risco para experimentação e tabagismo (VIGESCOLA, Brasil, 2004).

Foram considerados para a análise estatística 1.103 questionários válidos, sendo 61% (675) respondidos por estudantes do gênero feminino e 39% (428) do masculino. A idade média para o gênero masculino foi $15,51 \pm 1,25$ anos, e para o gênero feminino $15,21 \pm 1,19$ anos. A distribuição segundo o ano cursado do ensino médio para os gêneros encontra-se no gráfico 01.

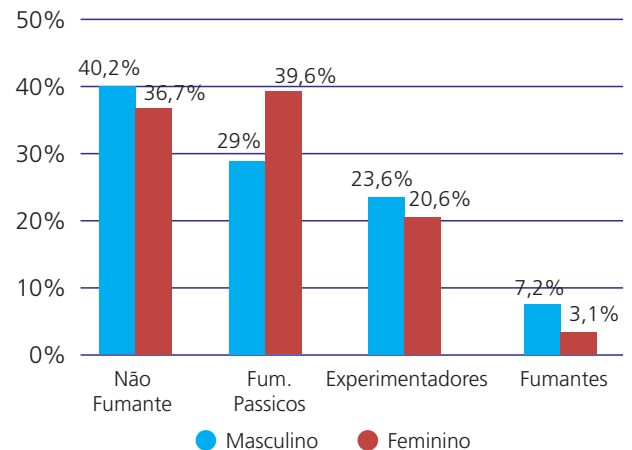
Gráfico 01: Distribuição dos estudantes segundo o ano do ensino médio e gênero



Fonte: Elaborado pelas autoras.

A distribuição dos participantes quanto ao status tabágico segundo o gênero encontra-se no gráfico 02.

Gráfico 02: Distribuição dos participantes segundo o status tabágico e o gênero.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Dos 675 estudantes do gênero feminino que responderam ao questionário, 23,5% (160) experimentaram cigarros e 3,1% (21) eram fumantes. Para os 428 do gênero masculino, 31% (132) experimentaram cigarros e 7,2% (31) eram fumantes. A experimentação foi maior entre estudantes do gênero masculino ($p=0,0088$). A chance de experimentar cigarros foi 40% maior para estudantes do gênero masculino (OR 1,44, IC 95%, 1,09-1,88). O tabagismo também foi maior entre estudantes do gênero masculino ($p=0,00086$), assim como a chance de ser fumante foi 2,5 vezes maior entre estudantes do gênero masculino (OR 2,568, IC 95% 1,445-4,551).

A exposição ao tabagismo passivo em casa, independente do status tabágico, foi maior para o gênero feminino (34,5%) do que para o masculino (27%) ($p=0,009$). Por outro lado, a exposição à fumaça tabágica ambiental fora de casa foi maior para o gênero masculino (38,7%) do que para o feminino (23%) e a chance dos estudantes do gênero masculino ser expostos à poluição tabágica ambiental foi duas vezes maior que para os do gênero feminino (OR 2,11, IC 95% 1,613-2,762, $p<0,0001$). Considerando apenas os estudantes não fumantes, a exposição à poluição tabágica ambiental foi maior entre os estudantes do gênero feminino (52%) do que masculino (42%) ($p=0,0063$).

Para o gênero masculino, ter pais fumantes (pelo menos um deles) aumentou em duas vezes a chance de experimentar cigarros (OR 2,096, IC 95% 1,328-3,309, $p=0,0013$) e em três vezes a chance de ser fumante (OR 2,975, IC 95% 1,39-6,37, $p=0,0036$). Para o gênero feminino, a chance para experimentação entre estudantes que tinham pais fumantes foi 3,4 vezes maior (OR 3,407, IC 95% 2,337-4,968, $p<0,0001$), e 4,7 vezes a chance de ser fumante (OR 4,661, IC 95% 1,92-11,341, $p=0,00077$).

Ter amigos fumantes (alguns, muitos ou todos) aumentou em 3 vezes a chance de experimentação (OR 3,298, IC 95% 2,057-5,288, $p<0,0001$) e em 13 vezes a chance de ser fumante (OR 13,73, IC 95% 3,218-58,602, $p<0,0001$) entre estudantes do gênero masculino, comparados àqueles que não possuíam nenhum amigo fumante. Para o gênero feminino, a chance de experimentação foi 3,6 vezes maior para estudantes com amigos fumantes (OR 3,601, IC 95% 2,397-5,412, $p<0,0001$), e a chance de ser fumante 10 vezes maior (OR 10,29, IC 95% 2,372-44,625, $p=0,00014$).

Para estudantes do gênero masculino, estar exposto à poluição tabágica ambiental em casa aumentou as chances de experimentação (OR 3,027, IC 95% 1,94-4,76, $p<0,0001$) e de fumar (OR 3,766, IC 95% 1,76-8,06, $p=0,0003$), assim como para o gênero feminino (experimentação OR 2,91, IC 95% 2,015-4,19, $p<0,0001$;

fumar OR 4,057, IC 95% 1,65-9,99, $p=0,0011$).

A exposição à poluição tabágica ambiental fora de casa (bares, boates, local de trabalho etc.) aumentou 3,4 vezes a chance de experimentação (OR 3,377, IC 95% 2,17-5,255, $p<0,0001$) e 6,4 vezes a chance de fumar (OR 6,449, IC 95% 2,76-15,068, $p<0,0001$) para o gênero masculino; e 14,8 vezes a chance de experimentação (OR 14,83, IC 95% 9,66-22,77, $p<0,0001$) e 51 vezes a chance de fumar (OR 51,11, IC 95% 14,58-179,17, $p<0,0001$) para estudantes do gênero feminino.

Para 101 experimentadores do gênero masculino, a moda de idade para a experimentação foi 12 ou 13 anos (28 estudantes, 28%), seguida por 14 ou 15 anos (24 estudantes, 24%). A moda para número de cigarros fumados na vida foi 1 a 2 tragadas (43 estudantes, 43%).

Para 139 experimentadores do gênero feminino, a moda de idade para a experimentação foi 12 ou 13 anos (51 estudantes, 37%), seguida por 14 ou 15 anos (32 estudantes, 23%). A moda para número de cigarros fumados na vida 1 a 2 tragadas (68 estudantes, 49%).

Para 31 fumantes do gênero masculino, a moda da idade para experimentação foi 12 ou 13 anos (10 estudantes), seguida por 14 a 15 anos (8 estudantes), e a moda para o início do hábito diariamente foi entre 14 e 15 anos ou 16 anos ou mais (6 estudantes cada, conjunto bimodal) e 12 nunca fumaram diariamente. A moda para o número de cigarros fumados na vida foi entre 25 e 99 cigarros e mais de 100 cigarros na vida (10 estudantes cada, conjunto bimodal). Ultrapassar o limite de 100 cigarros na vida indica a passagem da experimentação para a dependência verdadeira (VIGESCOLA, Brasil, 2004). Os pais de 23 deles não sabem que o filho fuma. Dez estudantes fumam mais em eventos sociais (moda), seguido por locais públicos (sete estudantes). Onze afirmaram fumar mais quando usam álcool ou outras drogas. Catorze sentem mais vontade de fumar e/ou fumam mais pela manhã, indicando grau mais elevado de dependência à nicotina. Oito querem parar no momento, 11 não querem e 10 acham que já pararam de fumar embora tenham fumado nos 30 dias que antecederam a pesquisa. Sete tentaram parar de fumar no ano anterior. Vinte acham que conseguem parar de fumar se quiserem. Apenas três foram aconselhados a parar por profissional de saúde. Sete pediram cigarros a outra pessoa, três deram dinheiro para alguém comprar e 16 compraram pessoalmente. Doze compram cigarros por unidade, 15 compram o maço. Doze não foram impedidos de comprar cigarros por serem menores de idade, dois sim.

Para os 21 fumantes do gênero feminino, a moda da idade para experimentação foi 12 ou 13 anos (nove estudantes), seguida por 14 a 15 anos (oito estudantes), e a moda para o início do hábito diariamente foi entre 12 e 13

anos (cinco estudantes), seguida por 16 anos ou mais (quatro estudantes) e nove nunca fumaram diariamente. A moda do número de cigarros fumados por dia foi entre 25 a 99 cigarros (seis estudantes). Duas fumaram mais de 100 cigarros na vida, indicando a passagem da experimentação para a dependência verdadeira. Os pais de 17 delas não sabem que a filha fuma. Dez estudantes fumam mais em locais públicos (moda). Cinco afirmaram fumar mais quando usam álcool ou outras drogas. Oito sentem mais vontade de fumar e/ou fumam mais pela manhã, indicando grau mais elevado de dependência à nicotina. Quatro querem parar no momento, seis não querem e 11 acham que já pararam de fumar embora tenham fumado nos 30 dias que antecederam a pesquisa. Dez tentaram parar de fumar no ano anterior. Dezesesseis acham que conseguem parar de fumar se quiserem. Apenas uma foi aconselhada a parar por profissional de saúde. Onze pediram seus cigarros a outra pessoa, cinco deram dinheiro para alguém comprar e cinco compraram pessoalmente. Nove compram cigarros por unidade e cinco compram o maço. Seis não foram impedidas de comprar cigarros por serem menores de idade, duas sim.

DISCUSSÃO

O presente estudo mostra que entre os entrevistados, 21,8% são experimentadores, apresentando idade de maior prevalência entre 12 e 13 anos (65%), corroborando com dados da literatura (Cordeiro, 2005; Machado Neto e Cruz, 2003; Malcon *et al.*, 2003; Brasil, 2004).

A prevalência de experimentação varia consideravelmente, estando entre 20% e 46%, nos seguintes estudos: Sapiroanga, RS (Bordin *et al.*, 1993); Maceió, AL (Silva *et al.*, 2006); Feira de Santana, BA (Costa *et al.*, 2007); Salvador, BA (Machado Neto e Cruz, 2003), Belém do Pará (Pinto e Ribeiro, 2007); Porto Alegre, RS (Hallal, 2008). O VIGESCOLA (Brasil, 2004) encontrou 44% de experimentação. Comparativamente aos estudos descritos, a prevalência observada no presente estudo está entre as mais baixas.

A experimentação neste estudo foi maior no gênero masculino (30,84%) em relação ao feminino (23,7%) em concordância com os dados do VIGESCOLA (Brasil, 2004), em que a prevalência de experimentação de cigarro foi maior no sexo masculino do que no feminino em quase todas as capitais brasileiras, com exceção de Curitiba e Porto Alegre, onde houve uma inversão desta relação.

Considerando a definição adotada pelo *Center for Disease Prevention and Control* e Organização Mundial de Saúde, é considerado fumante, entre os jovens, aqueles que

fumaram cigarros em um ou mais dias nos últimos trinta dias. Tal definição foi adotada pelo VIGESCOLA (Brasil, 2004), mostrando uma prevalência entre 10% a 22%. No presente estudo, 4,7% dos estudantes entrevistados foram considerados fumantes, destes, 2,8% do gênero masculino e 1,9% do gênero feminino. Em relação ao universo masculino, 7,2% são fumantes e ao universo feminino, corresponde a 3,1%. Logo, os dados desta pesquisa estão abaixo da prevalência encontrada do VIGESCOLA.

Os fatores de risco para tabagismo se mostram multivariados. Entre os entrevistados no presente estudo, os fatores envolvidos na experimentação e na continuação do hábito de fumar, foram: ter amigos fumantes, ter pais fumantes, estar exposto ao tabagismo passivo em casa ou ambiente externo. A maioria destes fatores de risco foram apontados anteriormente na literatura, como o tabagismo entre pais e irmãos (Bordin *et al.*, 1993; Segat *et al.*, 1998; Machado Neto e Cruz, 2003; Malcon *et al.*, 2003a; Nascimento *et al.*, 2005; Cordeiro, 2005; Zanini *et al.*, 2006; Costa *et al.*, 2007; Hallal, 2008), tabagismo entre amigos (Segat *et al.*, 1998; Malcon *et al.*, 2003; Nascimento *et al.*, 2005; Zanini *et al.*, 2006; Pinto e Ribeiro, 2007; Hallal, 2008) e exposição ambiental do cigarro em casa ou fora (Hallal, 2008).

CONCLUSÃO

Em comparação com a média nacional, as prevalências de tabagismo e experimentação desta amostra de estudantes de escolas públicas de Anápolis foram relativamente baixas. Os fatores de risco para aquisição do hábito apontaram para pais e amigos fumantes e exposição ao tabagismo passivo em casa ou ambiente externo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. WHO, World Health Organization. 10 Facts on Tobacco and Second-Hand Smoke. 2008 [acesso em 26 jun. 2008.b]. Disponível em: <http://www.who.int/features/factfiles/tobacco/en/index.html>
2. Cinciprini PM, Hecht SS, Henningfield JE, Manley MW, Kramer BS, et al. Tobacco addiction: implications for treatment and cancer prevention. *J Natl Cancer Inst.* 1997; 89(24): 1852-67.
3. Vigescola, Brasil. Ministério da Saúde, Instituto Nacional do Câncer. VIGESCOLA: Vigilância de Tabagismo em Escolares. Dados e fatos em 12 capitais brasileiras. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.
4. Cordeiro EAK. A prevalência do tabagismo e alguns fatores associados em escolares de Florianópolis – SC. [dissertação] Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública; 2005.
5. Machado Neto AS, Cruz AA. Tabagismo em amostra de adolescentes escolares de Salvador-Bahia. *J Pneumol.* 2003; 29(5): 264-272.
6. Malcon MC, Menezes AMB, Chatkin M, et al. Prevalência e fatores de

- risco para tabagismo em adolescentes. Rev. Saúde pública. 2003; 37(1): 1-7.
7. Bordin, Nipper VB, Silva JO, Bortolomiol L, et al. Prevalência de tabagismo entre escolares em município de área metropolitana da região Sul, Brasil, 1991. Cad. Saúde Pública. 1993; 9(2):185-189.
 8. Silva MAM, Ivan RR, Carvalho ACC, Guerra Júnior AH, Moreira TCA, et al. Prevalência e variáveis associadas ao hábito de fumar em crianças e adolescentes. Jornal de Pediatria. 2006; 82(5).
 9. Costa COM, Alves MVQM, Santos CAST, Carvalho RC, Souza KEP, Sousa HL, et al. Experimentação e uso regular de bebidas alcoólicas, cigarros e outras substâncias psicoativas/SPA na adolescência. Ciência & Saúde Coletiva. 2007; 12(5): 1143-1154.
 10. Pinto DS, Ribeiro AS. Variáveis relacionadas à iniciação do tabagismo entre estudantes do ensino médio de escola pública e particular na cidade de Belém-PA; 2007.p. 558-564.
 11. Hallal ALLC. Fatores associados ao tabagismo em escolares da Região Sul do Brasil. [tese de doutorado] São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP; 2008.
 12. Segat FM, Santos RP, Guillande S, Pasqualotto AC, Benvegnú LA, et al. Fatores de risco associados ao tabagismo em adolescentes. Adolescência Latinoamericana. 1998;1(3).
 13. Nascimento D, Soares EA, Feitosa S, Colares V, et al. O Hábito do Tabagismo entre Adolescentes na cidade de Recife e os fatores associados. Revista Odonto Ciência. 2005; 20(50): 348-353.
 14. Zanini RR, Moraes AB, Trindade ACA, Riboldi J, Medeiros LR, et al. Prevalência e fatores associados ao consumo de cigarros entre estudantes de escolas estaduais do ensino médio de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, 2002. Cad. Saúde Pública. 2006 ago; 22(8): 1619-1627.